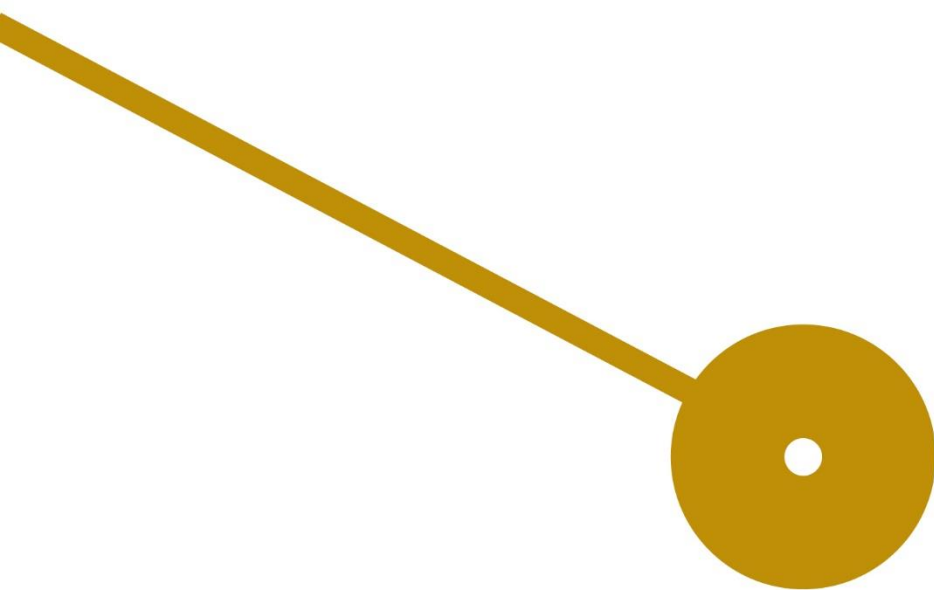




De Penélope até Penélope – uma Odisseia em três atos

Ana Azevedo Vargas e Pires

11/2022





De Penélope até Penélope – uma Odisseia em três atos

Ana Azevedo Vargas e Pires

Projeto apresentado à Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Cénicas, especialização Interpretação e Direção Artística

Professoras Orientadoras

Claire Binyon
Sónia Passos

Para a Penélope.

E encontrei-te

De forma visceral.

Minha Penélope, dona do tempo

Penélope, um nome, um espera

Em ti, todo o tempo do mundo.

(in Cadernos de Criação, 2021)

Agradecimentos

Quero agradecer às minhas orientadoras por me acompanharem e incentivarem na conclusão deste trabalho. Agradeço aos meus colegas de mestrado, ao Júlio pelo companheirismo e sensibilidade, ao Francisco por ser o meu Sancho Pança e à Lúcia por ser essa luz doce e generosa.

Agradeço à minha mãe, que se transcendeu para que esta monografia fosse uma realidade. À Diana e à Sara, absolutamente fabulosas na amizade sem descanso. À Joana pela amizade e escuta. Ao Patrick que me dá sempre a mão na hora certa e não me deixa desviar do caminho.

Resumo

Esta monografia é um espaço de reflexão/contemplação sobre um projeto de pesquisa que aconteceu ao longo de um ano, onde construí estruturas vivas, assentes no cruzamento dos vetores espaço e tempo, e onde explorei uma linguagem performativa, usando materiais como a fotografia e o vídeo, fazendo um cruzamento entre imagem projetada e coisa real. Não procura ser um estudo sobre espaço e tempo, é antes um olhar sobre possibilidades de criação artística perante estes vetores, aplicando diferentes variáveis como corpo, arquitetura, imagem, estética, documentação, quotidiano, sentidos e eu. O ponto de partida para esta exploração foi a personagem da Odisseia, Penélope, que alimentou principalmente a primeira etapa da pesquisa, assumindo um lugar mais periférico nas etapas seguintes.

Palavras-chave

Espaço, Tempo, Documento, Fotografia, Processo de Criação, Penélope

Abstract

This report constitutes a space for reflection/contemplation on a research project that took place over a year, where I built living structures, based on the intersection of space and time vectors, and where I have explored a performative language using materials such as photography and video, making a cross between projected image and the real thing. It does not seek to be a study on space and time, it is rather a look at the possibilities of artistic creation in the face of these vectors, applying different variables such as body, architecture, image, aesthetics, documentation, daily life, the senses and myself. The starting point for this exploration was the character Penelope from the Odyssey, who mainly fed the first stage of the research, assuming a more peripheral place in the following stages.

Keywords

Space, Time, Document, Photograph, Creation Process, Penelope

Índice

ÍNDICE DE IMAGENS.....	ix
Introdução.....	1
CAPÍTULO UM – Itinerário: Fontes no Caminho.....	4
A prática de documento em contexto artístico.....	6
O que é o AQUI? – <i>fespaço, tempo = Aqui</i>	7
Espaço.....	7
Tempo.....	8
CAPÍTULO DOIS – A Viagem.....	10
Da Espectralidade ao Corpo através da fotografia – Convocar Penélope – “FIO”.....	10
Como desenvolver estratégias de criação individuais de forma a simplificar o resultado, revelando a sua essência?.....	10
Escuta, Visão e Toque.....	11
O Som/ voz em <i>off</i>	12
Concretização do projeto de pesquisa – Financiamento.....	13
“E então acontece-me isto...”.....	14
A metamorfose real ou, como a vida entra pela criação adentro.....	16
Na direção de “Ainda Não Sou o que Vim a Ser”.....	16
CAPÍTULO TRÊS – Embriões de “Ainda Não Sou o que Vim a Ser...”.....	18
Lugar de fala de Penélope.....	19
Tomando a narrativa de Penélope na primeira pessoa.....	20
A carta, caminho para o sensível.....	20
O corpo performativo.....	21
O Tempo, a expansão do tempo, a sua elasticidade.....	22
O subtexto – de Penélope até Penélope.....	23

Documento na Criação Artística – A poética pela fotografia.....	24
Da imagem como conceito em “Fio”, ao vídeo e à fotografia como matéria criativa em “Ainda Não Sou o que Vim a Ser” – Pontos de Chegada	26
O “Protocolo”	26
Como operacionalizar o protocolo?.....	27
O protocolo como ferramenta de ativação da performance	28
Protocolo como processo.....	30
CAPÍTULO QUATRO – HORIZONTE.....	32
Processo para o Projeto final “Ainda Não Sou o que Vim a Ser...”	32
A que fui, a que sou, a que vim a ser.....	37
Intimidade e Público	39
A Fotografia como olhar, criação e testemunha – paratextos em construção e diálogo	40
O Vídeo – Tempo em movimento.....	41
REFLEXÕES.....	44
Bibliografia e Outras Referências.....	46
Webgrafia.....	47
Vídeo.....	48

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1-Serra da Estrela. Da minha janela vejo o mar.....	3
Figura 2- Serra da Estrela. Estamos em casa, fechados. Da minha janela vejo a Serra da Estrela a cobrir toda a linha do horizonte. Todos os dias olho a Serra, várias vezes. Vejo a Serra, sempre com os olhos no Mar.	5
Figura 3- no prazer da documentação do processo criativo e de a própria documentação se poder transformar em produto artístico.....	6
Figura 4- Serra da Estrela. Da minha janela viajo	8
Figura 5- Serra da Estrela. A luz e a Sombra	9
Figura 6- Ensaio no Lugar. Maio de 2022. Experiência com imagens, luz e vídeo.....	14
Figura 7- “E então acontece-me isto...”, Projeto nOve. Setembro de 2021	15
Figura 8- Fragmento. Paisagens num corpo.....	17
Figura 9- Serra da Estrela. Sopros.	18
Figura 10- print de imagens- fragmento tiradas para Fio. Esta imagem foi transformada em postal e partilhada com o público, no Festival de Curtas de Artes Performativas de Angra do Heroísmo, nos Açores, em julho de 2021.....	24
Figura 11- Fio, julho de 2021, Terceira, Açores.....	25
Figura 12- Fio. Julho de 2021, Terceira, Açores.....	25
Figura 13- Diários de Criação. Criação de um guião para Fio.....	28
Figura 14- Protocolo Ainda não Sou o que Vim a Ser..., maio e junho 2022	29
Figura 15 – E então Acontece-me Isto. setembro 2021.....	31
Figura 16- E então acontece-me isto. setembro 2021.....	31
Figura 17- Fragmento	34
Figura 18- Fragmento	34
Figura 19 – Fragmento	34
Figura 20 – umbigo sobre umbigo.....	35
Figura 21 – curva e contracurva junto de um molho de imagens	36
Figura 22 – queixo sobre rosto sobre chão de madeira.....	36
Figura 23- foto-fragmento sobre o corpo. maio 2021.	39
Figura 24 -ensaio Ainda não sou..., maio 2021. Foto ensaio Paulo Pimenta	42
Figura 25 – “E então acontece-me Isto”, Projeto nOve. Set 2021	43

ESMAE

**ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO**

POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

Introdução

Eram muitas as perguntas. Eram muitas perguntas aliadas à vontade de procurar respostas, expondo-me ao aparecimento de outras perguntas que incorporam a minha prática artística que se sustenta na metodologia de *devising*¹, método que desenvolvi em vinte anos de prática profissional, tanto como intérprete e criadora como pedagoga.

Perguntei-me sobre o tempo, perguntei-me sobre o espaço.

Perguntei-me como tornar possível encontrar um lugar interior comum entre mim e o outro, um lugar sagrado.

Perguntei-me também sobre Penélope, a sua identidade e, sobre a sua versão da história, a que nos poderia contar hoje. Tomando como pontos de partida a Penélope escrita por Homero e a Penélope escrita por Margaret Atwood, concentrei a minha vontade de criar, sem filtros, abrindo o espaço para que algo surgisse da combinação das coordenadas – espaço, tempo e imagem – que me inquietam artisticamente.

Perguntei-me sobre como conseguir estar no mesmo espaço e tempo que Penélope, sobre que pontos de ligação ativar para que o nosso tempo e espaço fossem o mesmo. Perguntei por uma Penélope e encontrei outras penélopes, a de Homero, a de Atwood, eu e a minha filha, que nasceu durante este processo.

Os gatilhos para a criação chegaram em tempos diferentes e de zonas diferentes num ritmo que foi o certo para poder explorar cada um.

A pesquisa desenvolveu-se num ritmo e rumo próprios. O objetivo foi sempre caminhar, procurar, pesquisar, encontrar, perder e continuar a perguntar. E fui descobrindo ao longo do caminho várias vontades, umas que se foram clarificando, outras nem tanto. Vivi o desafio de cruzar a criação com a vida real e procurar que fizesse sentido para outras pessoas.

¹ “What initially identifies devised theatre is that the creative process originates in ways different from traditional theatre. Questions arise about where and how to start making a performance, and what kind of product is to be created. Devised theatre can start from an Infinite number of possibilities, such as an idea, image, concept, object, poem, piece of music, or painting, and the precise nature of the end product is unknown.” (Oddey, 1994)

O caminho foi pautado por três momentos de encontro e partilha com um público. Cada momento foi um encontro onde a pesquisa se materializou e se traduziu noutros sentidos, pontuando descobertas. Cada um desses encontros ajudou a definir etapas, não como degraus porque não vejo o percurso como ascendente, mas como diferentes fases de um mesmo caminho, onde concentrei e avaliei as descobertas e onde tomei decisões e fiz escolhas para continuar a pesquisa. Desenvolvi três projetos distintos: “Fio” (Julho 2021), “E então acontece-me isto” (Setembro 2021) e “Ainda não sou o que vim a ser” (Junho 2022).

Foi da exploração de diferentes elementos em cada projeto, que encontrei o motor ou a vontade que me ditou a direção a tomar no projeto seguinte.

Ao longo desta monografia, procuro apontar as particularidades de cada etapa, não de forma independente, mas enquanto marcos de um processo criativo contínuo, que atravessou vários projetos e que culminou na criação de “Ainda não sou o que vim a Ser”. Apresenta-se como uma reflexão sobre o trabalho que desenvolvi no último ano. Está estruturada em três capítulos. No capítulo um – Itinerário: Fontes no Caminho – faço uma exposição cronológica deste processo. No capítulo dois – A Viagem – apresento uma reflexão sobre o processo da criação performativa. No capítulo três – Embriões de “Ainda não sou o que vim a ser...” –, procuro analisar e tecer algumas considerações sobre as práticas que fui experimentando.

Estes capítulos são cruzados por outras duas narrativas paralelas, tanto visuais como escritas. Assim, ao longo da monografia, a reflexão sobre o trabalho criativo estará em linha com alguns apontamentos e registos pessoais, retirados dos meus diários de criação. Estes registos pessoais estão identificados a itálico. Para além dos apontamentos pessoais, surgem imagens da Serra da Estrela cuja contemplação, a partir da minha janela, me acompanhou ao longo do processo de criação performativa e também da escrita para o que foi este projeto de pesquisa.

O que procuro nesta monografia é que seja uma descoberta que se vai renovando a cada registo.



Figura 1-Serra da Estrela. Da minha janela vejo o mar.

CAPÍTULO UM – Itinerário: Fontes no Caminho

No princípio foi a espera. A sopa primordial onde Penélope se fez, se cozinhou. No princípio foi um lugar de espera e de contemplação. O sonho encontrou espaço para existir pela dimensão que o tempo lhe deu. Eu, nós, fechadas em casa, em estado de suspensão e contemplação, a esperar uma promessa, sem hora nem data marcadas e de olhos postos lá ao fundo, na linha onde o céu se encontra com a serra, a mais alta, a mais bela, quase caravela.

De Ítaca até mim, num tempo que se cruza e se confunde entre o aqui e o agora, aqui vieste tu, Penélope, para começar a iluminar os meus dias, as minhas vontades, e a minha necessidade de criação e começaste a desenhar-me e eu comecei a desenhar-te.

Aqui.

A minha janela transformou-se no palco de um espetáculo do Bob Wilson (figs. 1, 2, 3 e 4), onde contemplei uma linha de horizonte que se redesenhava com a temperatura, a hora, o sol, as nuvens e a minha capacidade de ver, que nem sempre fazia justiça à poética da vista. Fui Penélope. E o meu horizonte era a Serra da Estrela.

O mergulho no íntimo e no mito permitiu o diálogo entre a realidade do meu confinamento, uma mulher do séc. XXI, com a tua espera de 20 anos, Penélope, lá longe em Ítaca, rodeada de escravas e relutante em casar e a conseqüente submissão a um homem. Procuro um ponto de encontro entre a minha memória íntima de feminilidade e a memória mitológica fundadora da nossa identidade europeia para revelar situações concretas que têm ecos no presente, no meu e no nosso.

Quis perceber-te Penélope, profundamente, e mais do que tudo, revelar-te como mulher. Vi-te em Homero, vi-te pelos olhos de Atwood, encontrei-te em mim.



Figura 2- Serra da Estrela. Estamos em casa, fechados. Da minha janela vejo a Serra da Estrela a cobrir toda a linha do horizonte. Todos os dias olho a Serra, várias vezes. Vejo a Serra, sempre com os olhos no Mar.

O mestrado apresentou-se como uma oportunidade para desenvolver uma ideia. Dentro das suas premissas de pesquisa, incorporando as variáveis tentativa e erro, dentro da grande variável pandemia, que permitiu um lugar de espaço e tempo ideais para regressar ao universo da escola e da pesquisa.

“Muitos artistas voltam-se para a investigação porque estão insatisfeitos com as formas de prática existentes, porque têm um sonho ou uma visão, ou porque querem experimentar outra coisa.” (Arlander, p. 17, 2016) E também eu vi na investigação, uma possibilidade de experimentação e descoberta pessoal e artística. Parti de um lugar de cansaço com repetidas linguagens de criação teatral que, por tão familiares, faziam com que tivesse dificuldade em me libertar delas. Mais do que tudo, quis permitir-me a descoberta de um método de criação, meu, que procurasse dar resposta às minhas inquietações artísticas e que fosse ao encontro da minha sensibilidade. Posso dizer que foi o primeiro motor, a par de Penélope, esta necessidade de encontrar um lugar interior de liberdade para criar, procurar e continuar a criar.

A prática de documento em contexto artístico

Todos os desafios lançados em contexto de mestrado serviram para ir dando vazão à curiosidade galopante que tinha e tenho por Penélope. Toda a leitura, contemplação, tiveram um filtro de interpretação que foi sempre o desbravar esta pessoa, esta mulher, o mito.

O ponto de partida és tu, Penélope, e contigo mergulho nesta sopa de ideias e conceitos que é o das imagens que ardem no seu contacto com o real.

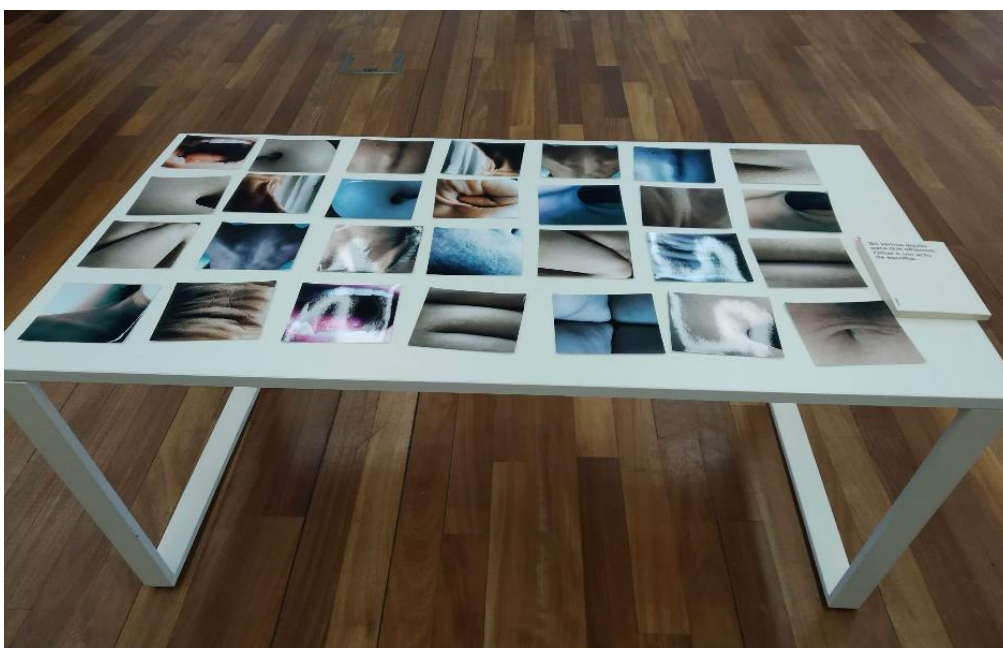


Figura 3- no prazer da documentação do processo criativo e de a própria documentação se poder transformar em produto artístico.

A primeira proposta de pesquisa que registei foi na unidade curricular de Prática e Documento em Contexto Artístico, no primeiro ano, com a professora Sónia Passos, onde fomos desafiados a criar um objeto artístico a partir da documentação de um momento quotidiano, e a encarar a documentação como uma possibilidade para o processo criativo. Creio, aliás, que foi por aqui que tudo começou. Este repto fez-me parar e olhar para o meu quotidiano com olhar de Penélope. Também ela tinha um quotidiano. Nisso, estaremos juntas, certamente. Parto do horizonte e da sua contemplação para me encontrar com Penélope e escolho o ato prosaico de comer uma maçã para documentar. No meu caso, foi até o filmar de um momento quotidiano e interpretá-lo já com uma visão de Penélope. Fiz um pequeno vídeo a comer uma maçã, depois do duche, na minha varanda, onde todos os dias via a Serra da Estrela. Ouvia-se a minha voz em *off*, lendo algumas

palavras da “Odisseia de Penélope” de Margaret Atwood. Tinha 1 minuto e meio. Foi o primeiro minuto e meio do meu caminho até Penélope.

Registo a importância deste primeiro trabalho aqui, porque deixa anteciper a afinidade que já tinha com os elementos que integraram o trabalho final, tanto o vídeo enquanto registo de quotidiano, como a voz em *off* que acompanha uma imagem móvel e, sobretudo, a documentação como registo de processo e, mais além, como parte da criação ela mesma. O ímpeto dado à documentação em processo artístico contaminou a criação, tornando-se essa documentação na própria matéria de criação porque transformou o meu olhar sobre a fotografia como documento, e colocou-me, a mim, em modo de “estar alerta” enquanto criadora-investigadora. A partir deste instante, a palavra AQUI definiu o meu estar, fosse em pergunta, em afirmação ou exclamação. Aqui documento-me!

O que é o AQUI? – $f(\text{espaço}, \text{tempo}) = \text{Aqui}$

Terá sido a primeira pergunta quando me alinhei em direção ao horizonte da criação. Será na procura de uma resposta que a zona de criação se alimenta. O *research* e o *re-search* de Ingold², a vontade de procurar e procurar novamente. Procurar dentro, dentro de mim e eu dentro de algo maior. Aqui eu estou dentro de um espaço definido numa densidade criada precisamente pela minha interação com o espaço. Interessa-me a ocupação do espaço vazio, criando-o. Aqui é um lugar que se encontra pelo cruzamento dos vetores espaço e tempo. Que espaço? Que tempo?

Espaço

Da mesma forma que Wilson, a propósito das suas criações, insiste que o espaço não está “simplesmente lá” para ser tomado por garantido, Maria Filomena Molder, em entrevista no podcast “A Insustentável Leveza do Habitar” – #15, conduzido por Ana Sofia Silva, diz-nos que “O Espaço é o nome que nós damos a todo o género de atmosferas que o nosso corpo cria, portanto, todo o género de gestos que o nosso corpo engendra.” (2020). O espaço ativa-se assim, pela minha existência nele. É a minha intervenção no espaço que o define como tal. A forma como existo num determinado espaço, condicionará a leitura que se faz desse mesmo espaço. O corpo

² Cito de cor uma informação recebida na aula de Semiótica pelo professor Samuel Guimarães, no 1º ano deste mestrado.

é, desta forma, empoderado para criar sentidos e lugar. O corpo não é apenas presente, é ele que define o espaço.



Figura 4- Serra da Estrela. Da minha janela viajo

Tempo

“O espaço e o tempo são anteriores à experiência. A experiência surge no interior do espaço e do tempo” (Molder, 2020).

Quando acusado de fazer espetáculos com um ritmo muito lento, Wilson responde:

Isso é um engano. Não é câmara lenta, é o tempo natural. A maioria do teatro lida com um tempo acelerado, mas eu uso o tipo de tempo natural que, por exemplo, leva o sol a pôr-se, uma nuvem a mudar, o dia para a madrugada. Eu dou-vos tempo para refletir, para meditar noutras coisas para além das que estão em palco. Eu dou-vos tempo e espaço onde vocês podem pensar. (Shevtsova, 2007)

A possibilidade de permitir ao público fazer a sua própria viagem, com liberdade de ir e vir para um espaço e tempo que são seus, revelou-se bastante libertadora. Considerando também que “O tempo é a forma interna da nossa sensibilidade” (Molder, 2020), quero convocar o público para um tempo comum, gerado a partir de um lugar de sensibilidade e interioridade, criando um momento que se quer único em cada momento de partilha. A vontade de partilhar um momento singular com o público definiu-se como objetivo concreto a partir do segundo momento de pesquisa que nesta monografia chamo “E Então acontece-me isto”.



Figura 5- Serra da Estrela. A luz e a Sombra

CAPÍTULO DOIS – A Viagem

Da Espectralidade ao Corpo através da fotografia – Convocar Penélope – “FIO”

A propósito de um convite para apresentar um solo no Festival de Curtas de Artes Performativas de Angra do Heroísmo, julho de 2021, a ideia que era ainda só vontade, concretizou-se e com data marcada. E o foco começou a concorrer para aí. Comecei a procurar Penélope e a pensar em estratégias artísticas de o fazer performativamente. Não consigo precisar quando me apercebi, de que essa apresentação nunca poderia ser o final da pesquisa, de que iria querer pelo menos mais um momento com partilha pública. A partilha com o público é sempre fundamental enquanto material de pesquisa. É na relação com o público que a pesquisa se materializa, ganhando forma, textura, dimensão e, sobretudo, significados.

Estou a escrever-te e a pensar que disse que no princípio era a espera. Mas no princípio também eras tu, e no princípio também era a fotografia. É isso, acho que é isso, no princípio eram vários pontos que, aos poucos, ao longo deste processo, foram desenhando um caminho até se encontrarem num lugar-comum, ligados por estes fios invisíveis, mas palpáveis. Eram tudo pontos de partida ligeiramente desconhecidos e que encontraram uma língua comum para comunicar.

Como desenvolver estratégias de criação individuais de forma a simplificar o resultado, revelando a sua essência?

Quando chego ao momento de “Fio”, o primeiro projeto em que avanço para uma performance pública, tinha já definido uma vontade de pesquisa de mestrado que se traduziu na pergunta “Como desenvolver estratégias de criação individuais de forma a simplificar o resultado, revelando a sua essência?”. A vontade de simplificar ou reduzir ao máximo uma ideia, parece-me ser de grande importância, pois entendo que é quando nos conseguimos despir de tudo o que é acessório, que encontramos a essência, o fundamental, ou o coração de quem cria, do trabalho e de quem o percebe. É esta busca pelo “essencial” que acabará por determinar muitas das minhas escolhas. Essencial não só pelo mínimo. Essencial porque fundamental na existência sensível.

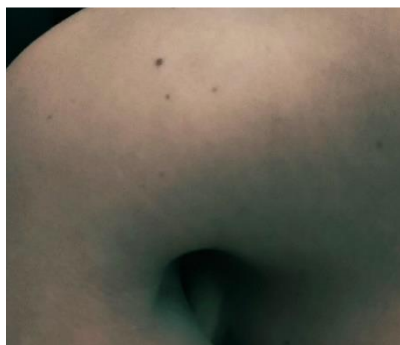
Escuta, Visão e Toque

Paralelamente à vontade de simplificação, interessei-me pelos sentidos: escuta, visão e toque. Não eram o objetivo principal do trabalho, mas posso dizer que assumiram a função de subtexto nas propostas práticas que fui experimentando. Embora tenham saído da zona de focagem da minha pesquisa, estão sempre lá a dar o tom.

O mergulho no universo de Bob Wilson veio ajudar a intensificar a minha busca pela simplicidade, acrescentando aqui o fator Tempo e Silêncio. Bob Wilson, em entrevistas disponíveis no Youtube, nomeadamente na Brafta Art talk de 2020, e na entrevista com Richard Strange, *A Mighty Big If*³ (2019), refere, entre outras considerações, que o teatro acontece entre dois eixos, um vertical que é o tempo e um horizontal que é o espaço. É pela forma como se criam relações dentro destes eixos que se encontra a forma para poder existir em cena. Procurar a zona de Expansão ou Distensão do tempo, bem como do gesto, do som e da palavra, transformou-se num dos principais desafios no que à questão do entendimento diz respeito. E procurei perceber, então, essa expansão do gesto, a distensão da ação, a implicação do som ou do silêncio, descobrindo, devagarinho, a paragem temporal a que a arte, o teatro ou a performance, podem obrigar.

Na mesma relevância, descubro a relação com a imagem e o seu confronto com o real, numa interpretação livre das palavras de Didi-Huberman, no artigo “Quando as Imagens tocam o real” (2012), a pergunta “a que tipo de conhecimento pode dar lugar a imagem?” revelou-se um motor de pesquisa e procura para mim. Fui à procura da coisa através da sua representação em imagem fotográfica. Fui à procura de perceber que conhecimento pode uma imagem, ou a relação entre várias imagens gerar e, num contexto performativo, como é que esse conhecimento se pode traduzir em matéria.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=rAl-AqhEd2U&t=472s>,
<https://www.youtube.com/watch?v=iLTeoylPIhE&t=1950s>



fragmento 1



fragmento 2

E é aqui que me encontro.

Foi desta forma que fui procurar Penélope em mim, através das fotografias de fragmentos do meu corpo, propondo a viagem platónica de Penélope do mundo das ideias para o nosso, do real, quase como um puzzle que se mostra a si próprio ao longo da sua construção. A procura de Penélope, o desbravar da personagem e, sobretudo, da pessoa alimentou, sendo contexto e subtexto para a pergunta maior da pesquisa da procura do essencial e do simples. Os fragmentos 1 e 2 expostos acima, são exemplo de fotos que fui tirando a partes do meu corpo, ainda sem saber de que forma seriam utilizadas, só propondo uma relação com o tema “da espectralidade para o corpo”⁴. Depois, em sala de ensaio, fui descobrindo que essa corporização pode acontecer através das fotos na sua relação com a minha presença.

O Som/ voz em off

Se de um lado procurei a corporalização de Penélope, por outro, tive vontade de fazer o caminho inverso com voz propondo uma “descorporalização” no sentido em que a tirei do corpo. Posso dizer que, desde cedo no processo, soube que não queria falar ao vivo, o meu corpo não deveria ser falante, o meu corpo deveria ser um veículo de escuta e comunicação. E o primeiro passo foi

⁴ Ponto de partida do projeto “Fio”

mesmo escutar-me, de fora para dentro. Este processo aconteceu a dois tempos. O primeiro, onde seleciono e escrevo os textos e os gravo, e o segundo em que faço a reprodução do texto em off, em sala de ensaio, ativando o corpo na sua relação com o espaço e permitindo que o texto se relacione com esse corpo no espaço. Perguntei-me se essa separação entre voz, corpo e imagem, pode permitir uma maior atenção a cada uma delas pelo facto de ser o público quem as junta quando as percebe, tendo a possibilidade de condicionar essa percepção pela variação de atenção dada a cada um destes elementos.

A voz em *off* foi um dos elementos que surgiu desde o início e se manteve ao longo de todo o processo, comum aos três projetos.

Concretização do projeto de pesquisa – Financiamento

Chegou o financiamento, tão inesperado quanto desejado. Esta pesquisa encontra assim a possibilidade de se redesenhar e eu encontro a possibilidade de repensar a forma de dar continuidade a este processo de pesquisa de forma mais densa, complexa porque financiada. O que me permite este financiamento?

Outros. Outros criadores, que alinhem em explorar comigo uma linguagem de imagem, luz, sombra, direito e avesso.

O financiamento permitiu também mais matérias. Fotos. Muitas fotos impressas. Cada imagem, um fragmento, um ponto, um olhar. Juntas, uma manta, a minha manta, feita de fotos que fui tecendo e destecendo a cada momento.

Encontro assim uma oportunidade de estruturação que de outra forma nunca teria acontecido. Pude, juntamente com criadoras das outras áreas, pensar em conjunto luz e sombra, direito e avesso, pensamento em camadas como revelação de matéria. Pude trazer para a minha pesquisa criadoras que me inspiram e trabalham de forma inspirada e pude ter uma dramaturga comigo. O projeto cresceu, ganhou a dimensão justa, o corpo justo e potenciou-se a si próprio.



*Figura 6- Ensaio no Lugar. Maio de 2022.
Experiência com imagens, luz e vídeo*

“E então acontece-me isto...”

Ainda no Verão de 2021, recebi um convite para integrar um projeto, em Setembro desse ano, em Viseu, da companhia Nicho (entretanto mudou o seu nome para Cem Palcos), que propunha a nove intérpretes e nove dramaturgos, uma colaboração em regime de residência com a duração de nove dias, com vista a preparar uma apresentação de nove minutos, a ser apresentada nove vezes no mesmo dia para um público composto por nove pessoas. Era o projeto nOve. O tema deste projeto era metamorfose e, sendo esta uma das zonas de interesse do meu mestrado, a performance foi, aqui também, contaminada pela minha pesquisa, na minha relação com as fotografias e com os materiais. Para além disso, a dimensão do tema de metamorfose aumentou com a revelação de que estou grávida.



Figura 7- “E então acontece-me isto...”, Projeto nOve. Setembro de 2021

Estou em estado de metamorfose permanente.

Nesta etapa do processo, tive liberdade para explorar, de forma concentrada e num contexto de apresentação pública, a metodologia que comecei a desenvolver e que cruza o *devising*, que me é intrínseco, com a exploração de verbos e ações e imagem. A linguagem que descobri no primeiro momento em “Fio”, que mistura e baralha corpo, matéria e imagem, teve espaço para se desenvolver, experimentando até já com vídeo. Aqui o cruzamento de tempo foi dado pelas imagens projetadas de mim em criança, no registo de vídeo, sobre o meu corpo, pouco visível por estar atrás de uma película de plástico (fig. 7) e que, quando é revelado, se vê que eu estou afinal grávida com uma criança projetada na barriga, revelando três linhas de tempo que se cruzam no mesmo instante, no mesmo corpo.

Em nOve, deu-se o encontro criativo com a dramaturga Inês Barahona, com quem criei “E então acontece-me isto...” que foi o título da performance. Mais tarde, no momento que foi o projeto final de mestrado, “Ainda Não Sou o que Vim a Ser”, a simbiose entre nós é flagrante, com a sensação de uma e de outra, de que as palavras eram minhas, sendo dela, sendo minhas. O processo foi de tal forma que a sentia sempre comigo, na minha cabeça, na minha língua, no meu olhar. Como se funcionássemos em colmeia ou como se esta minha vivência, apesar de única, fosse uma vivência

partilhada por algo muito maior do que eu e do que ela. Apesar das diferenças, encontramos um lugar do feminino, da cumplicidade, quase universal, onde inventámos a nossa própria língua e mergulhámos juntas no processo de escrita e criação.

A comunicação entre nós fez-se através da escrita de cartas o que permitiu um mergulho interior e um tempo nas palavras que nenhum outro registo permitiria. Cada palavra escrita numa carta é pensada e sentida de outra forma. E o trabalho ficou carregado pela sensibilidade da comunicação epistolar.

E assim avançamos.

A metamorfose real ou, como a vida entra pela criação adentro

A minha metamorfose concretizou-se. Depois da montanha-russa de emoções e ações, chegou Penélope, a minha filha, e com ela, cheguei eu a isto que sou agora. Mulher. Criadora. Artista. Mãe (É-se logo mãe?). Ao longo deste ano, passei um processo de gravidez e agora de nascimento de uma primeira filha que virou as coordenadas da criação, impondo novos tempos, novos ritmos de trabalho e também ajudou a redefinir o que é essencial. Chegou Penélope e impôs a sua presença. Fui à procura de uma Penélope e encontrei-a, da forma mais visceral.

E com estas coordenadas se construiu o momento em que culmina esta prática de pesquisa artística, cruzando linhas de tempo, linhas de espaço e linhas do sentir.

Na direção de “Ainda Não Sou o que Vim a Ser”

Penélope nascida, o objetivo de encontrar o lugar do sensível e do presente, escreveu-se em linhas de espaço, pontuado pelas imagens de um passado, cruzando-as com o corpo presente e sempre procurando novos sentidos para as coisas. “Ainda Não Sou o que Vim a Ser” foi o resultado de um ano de experimentação artística em *devising* aplicado aos materiais, atravessado pelo nascimento de uma criança, e por esse evento contaminado.

Se da primeira experiência nos Açores levei para o segundo momento em Viseu, a fotografia, os materiais plásticos e cénicos e a voz *off*, do projeto “E Então acontece-me Isto” para “Ainda Não Sou...”, levo a dramaturgia e o vídeo enquanto olhar de quem se espreita noutro tempo, permitindo

à documentação assumir um papel mais preponderante no trabalho. Ainda recuperei de “Fio” a relação com a luz e a sombra, e as fotografias como material cénico também.

O projeto “Ainda Não Sou o que Vim a Ser” será explorado mais profundamente no capítulo três.



Figura 8- Fragmento. Paisagens num corpo.

CAPÍTULO TRÊS – Embriões de “Ainda Não Sou o que Vim a Ser...”

(...) que aqui é este que não saberei precisar, determinar. não é evidente. é uma espécie de nuvem quente que me transforma e se transforma provocando uma revolução permanente, um aqui pouco concreto, é uma espécie de “por todo o lado”. E gosto.

Foco.

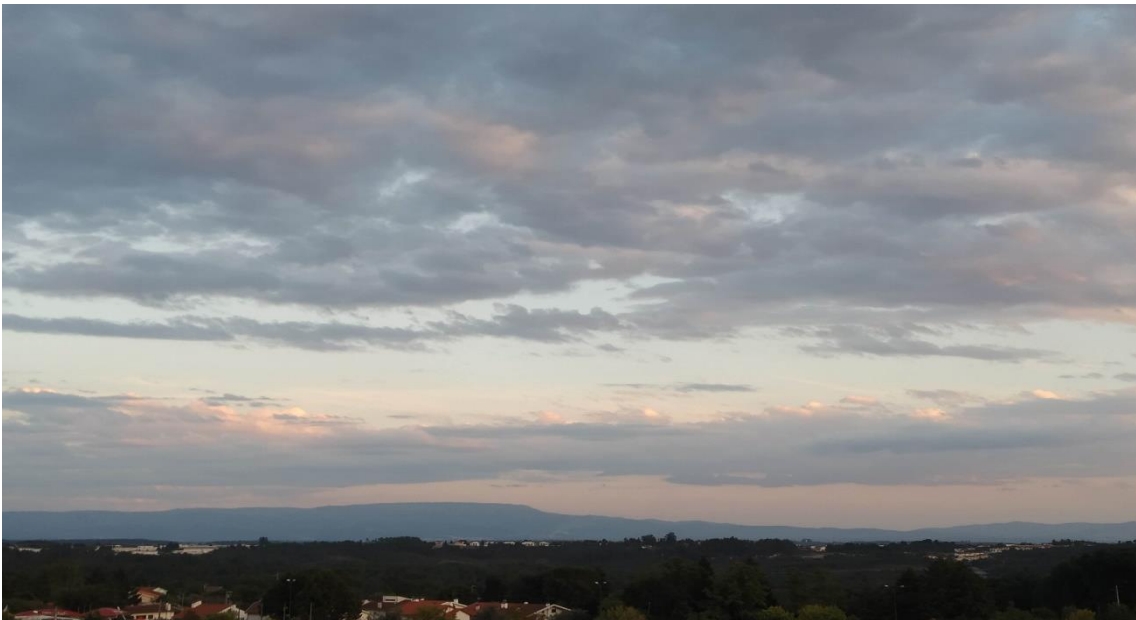


Figura 9- Serra da Estrela. Sopra.

Uma mulher, uma tecedeira, uma espera. Há a tentativa de dar voz a uma personagem que esteve condenada à descrição do seu autor e à interpretação do seu leitor. Que a personagem ganhe autonomia e fale por si própria. Agora que está morta, livre das palavras do autor, das interpretações do leitor e livre do destino dos próprios deuses que fale. Que voz é esta? Que histórias tem para contar? Que textos tem para tecer?

Comecei por me relacionar com o espaço vazio, e decidi gravar as palavras que me tocavam dos textos de Margaret Atwood, tomando para mim a voz de Penélope, a sua conquista de um lugar.

Agora que estou morta, sei tudo. (...) Tenho apenas acesso a meia dúzia de factos de pouca monta que, dantes, ignorava. Será desnecessário dizer que a morte é um preço demasiado alto a pagar, apenas para se satisfazer a curiosidade. (...) Agora que todos os outros perderam o pio, é a minha vez de contar umas histórias. Devo-o a mim mesma. (...). A dificuldade é não ter uma boca para falar. Não me posso fazer entender no vosso mundo, leitor, o mundo dos corpos, das línguas e dos dedos, e a maior parte do tempo não tenho ouvintes desse vosso lado do rio. (Atwood, p. 13 a 15, 2018)

Essas palavras, na minha voz, passaram a ser o som que ocupava o espaço e que condicionava o meu movimento. Ou o meu não movimento. Ou a minha respiração. E, suavemente, foi-se estabelecendo um diálogo entre o meu corpo, o meu pensamento e a sua tradução em palavras registadas que assumiram quase um lugar de sacralidade. Este “estar” de sacralidade, percebo, é fundamental como ponto de partida para o meu trabalho de criação e definiu-se como tal ao longo de todo o processo até “Ainda Não Sou o Que Vim a Ser...”.

Lugar de fala de Penélope

Do diálogo ou da coexistência no mesmo espaço de corpo, som e tempo, surgiram palavras escritas em cadernos que me guiariam para a criação de um texto e de um primeiro momento de partilha com um público. Tomando para mim o lugar de fala de Penélope, chegou a figura da carta (talvez até porque a natureza do processo se prendia com a escrita) como manifestação de comunicação e o reivindicar da sua própria história, resgatando-a de um ponto de vista veiculado que é sempre androcêntrico. Por Lugar de Fala, refiro-me ao ato de reclamar para si o ponto de vista a partir do qual se irá desenvolver a narrativa do discurso. Como lembra John Berger, “A forma como vemos as coisas é afetada pelo que conhecemos ou por aquilo em que acreditamos” (p. 18, 2018), dessa forma, reclamo o Lugar de fala de Penélope para questionar a narrativa instituída, onde Penélope é a epitome da esposa fiel porque espera (espera?) vinte anos pelo seu marido que, em boa parte desse tempo, viveu com uma semideusa numa ilha. Nesses vinte anos, fica a governar Ítaca, que prospera, e recusa pretendentes que, ao casar, automaticamente tomariam para si as responsabilidades de governação e de autonomia que ela, afinal, tinha. Sou mulher. Não acredito por um momento na narrativa da espera. Sendo este o meu ponto de vista, é sobre esta perspetiva que deverei contar a sua história, dando-lhe voz, dando-lhe um lugar de fala. Aliás, já a forma como acabo de resumir a história de Penélope, deixa perceber um ponto de

vista. Penélope era, seguramente, extremamente inteligente, é, aliás, uma das qualidades que lhe é atribuída. Soube ter poder num mundo em que nem cidadania lhe era conferida pelo simples facto de ser mulher. Não aceitar pretendentes por ser fiel a Ulisses é uma narrativa baseada na perspetiva masculina e na sua visão sobre a mulher e no que lhe compete, ser esposa, mãe e fiel. E ela é ainda mais do que isso.

Tomando a narrativa de Penélope na primeira pessoa

Encontrei ecos na escrita de Margaret Atwood na sua *Odisseia de Penélope*, em que Penélope toma para si a voz e o lugar principal na narrativa, “Agora (...) é a minha vez de contar umas histórias.” (Atwood, p. 15, 2018) Convoquei Penélope, procurei encontrar espaço para o seu lugar de fala, para as suas “histórias”, dando-lhe identidade e espaço, mergulhando na sala de ensaios e, partindo da ideia de Penélope morta proposta por Atwood, convocar o seu corpo, fazer uma viagem da espectralidade até ao corpo e, aos poucos, revelá-la. E o caminho começou a surgir, através do meu encontro com as imagens, as fotografias de partes do corpo que fui tirando ao longo do ano.

Escrevi também a *Ulisses*, tomando a narrativa diretamente na primeira pessoa. Pensando que Penélope se pode materializar através de uma carta, ela ganhou autonomia. Assina a carta e, ao fazê-lo, deixa de ser personagem e passa a ser autora. Emancipa-se. O único acesso que tínhamos à sua existência era por meio das palavras do seu autor, homem. Neste sentido, o autor coloca-se num lugar de autoridade perante a sua criação. É ele que lhe confere identidade, além disso, essa identidade é sempre vinculada ao marido, ela está, portanto, sujeita quer à autoridade do marido quer à do autor. Mas Penélope é morta.⁵ Ao morrer ganha a liberdade que não tinha e pode falar. Pode ser. Ter existência na não-existência. Penélope cumpre-se na morte. E é isso que a faz escrever. O tecido que tece é composto por palavras.

A carta, caminho para o sensível

A carta enquanto elemento de comunicação permite uma zona de interioridade que um email não oferece e um telefonema não entende e, às vezes, a presença também não. Quando escrevo cartas, permito-me ir a um lugar interior de verdade singular, como se o tempo desacelerasse,

⁵ Em a *Odisseia de Penélope* de Margaret Atwood, o ponto de partida é o facto de Penélope estar morta e na morte encontra o seu lugar de fala.

como uma narrativa que se escreve devagarinho e com pormenores que a pressa não permite. A escrita permite-me então, ir àquele lugar do vazio, do silêncio, do neutro que convoco na sala de ensaio quando começo o trabalho. Só eliminando o ruído mental e físico é que o contacto com a verdade mais sensível e interior acontece. E, a única forma de tocarmos o sensível no público, será, nós mesmo, enquanto intérpretes, partirmos desse mesmo lugar despido de artifícios. A comunicação será assim clara.

O corpo performativo

A um tempo paralelo ao da escrita, permiti-me experimentar fazer um trabalho físico de exploração do mínimo, com a energia no máximo. Usei o trabalho desenvolvido sobre Bob Wilson, em particular, o exercício do caminhar.

Um dos primeiros exercícios que Bob Wilson faz com os atores durante a preparação para um espetáculo é o caminhar no espaço, contando tempos, fazendo com que todos caminhem de forma estilizada no gesto e com uma mesma cadência.

Wilson propõe aos atores uma espécie de “estar em transe”, que eles desenvolvem logo a partir dos workshops, através do caminhar, contando tempos para os passos, interiorizando o tempo, a sensação de tempo e facilitando essa relação de distensão temporal com o corpo. O ator de Bob Wilson não deve expressar emoção, deve apresentar um estar, uma ação. (Shevtsova, 2005).

Experimentando sozinha, permiti-me entrar numa zona de quase hipnose entre corpo, respiração e voz, e o cérebro encontrou outro espaço para viajar. E só a partir deste lugar que posso definir como “ponto zero”⁶ é que estou verdadeiramente livre para permitir a ideia de acontecer.

Sozinha, num espaço vazio, sinto que a sala está cheia. Somos duas, eu e ela. A outra. Penélope?

⁶ Este “ponto zero” é um termo meu e que se define por estar próximo do transe. Foi transversal aos três momentos de pesquisa, seja enquanto ponto de partida para a exploração ou como lugar de chegada e tradução de um processo para performance.

O Tempo, a expansão do tempo, a sua elasticidade

Havia a vontade de explorar os conceitos espaço e tempo tentando perceber possibilidades de ativação destes dois vetores. Sendo temas transversais a várias disciplinas do conhecimento como a filosofia, a física e mesmo a matemática, a informação é muita e, portanto, houve uma seleção intuitiva que fui fazendo. Inspirei-me em algumas percepções, talvez menos científicas e mais filosóficas e artísticas, e posicionei-me em relação a estes tópicos, vendo-os como uma grande equação. Procurei possibilidades de articulação destes vetores e encontrei um caminho, exposto nesta monografia, através da fotografia enquanto objeto que fixa um momento no tempo e que, ao ser visto, convoca para um espaço diferente, o tempo que passou.

Didi-Huberman, citando Gilles Deleuze no artigo “Quando as Imagens Tocam o Real”, faz referência a esse desfasamento temporal proposto pelas imagens: “Parece-me evidente que a imagem não está no presente [...] A própria imagem é um conjunto de relações de tempo de que o presente só deriva, apenas como um múltiplo comum, ou como o mínimo divisor” (Didi-Huberman, p. 213, 2016). Assim, a simples coexistência num espaço de registos de um objeto em tempos diferentes, já pode propor um cruzamento temporal. Senão vejamos, estou num espaço, o meu corpo está presente aqui, permitindo ao espaço que ele o seja, isto é, que aconteça. Ao trazer imagens em fotografia dos fragmentos do meu corpo, proponho um cruzamento temporal entre o corpo que foi e o corpo que é, gerando comunicação. Num primeiro momento do processo, esta observação pontuou-se enquanto curiosidade e material de pesquisa, assumindo lugar de relevância no projeto final onde o cruzamento entre imagem e corpo real se concretizou na performance.

Ainda sobre o tempo e o espaço, Maria Filomena Molder, na entrevista referida, diz que

O Tempo não é uma intuição pura da nossa sensibilidade, O Tempo nasceu da nossa pulsação, da rítmica da nossa pulsação, da música, e o espaço nasceu nos dedos do pintor! O Tempo é uma tensão do nosso espírito, não é nenhum objeto do nosso conhecimento, não é nenhum objeto físico, não é mensurável apesar de que depois há uma relação entre espaço e tempo que estão no tempo mensurável, isto é, o Tempo fica reduzido à mensurabilidade do espaço. (Molder, spotify, 2020).

Esta aliança de tempo, ritmo e pulsação, pareceu ir ao encontro de tudo o que estava a desbravar com os caminhar de Wilson e as imagens-fragmento do corpo presente-passado. O ponto de vista do tempo enquanto tensão do espírito abriu-me uma porta da intuição para procurar perceber de que forma podemos tensionar o espírito num momento, de maneira a gerar uma

percepção de tempo e espaço alterada. Ou seja, de que forma podemos fazer uma viagem interior de maneira a viajar no tempo, estando, contudo, sempre no mesmo espaço comum e propor essa viagem a um público. Este lugar da sensibilidade, a par do ritmo, do tempo foi condutor de escolhas e tomadas de decisão.

O subtexto – de Penélope até Penélope

Já não é apenas Penélope e a sua história que sustentam esta pesquisa em artes cénicas baseada na prática. O caminho já é mais pessoal, como se o contacto com o universo de Penélope e este “estar juntas” através do tempo me direcionasse para o fundamento da minha feminilidade.

Estou grávida. Este evento é tão abstrato quanto transformador e deixo-me alterar por ele. A história desta Penélope por nascer, começa a gerar também perturbação e desequilíbrio pelo desconhecido, pelo novo, pelo que ainda não sei. Somos cada vez mais: somos eu, Penélope, a outra e agora esta Penélope que quis também ela vir contar a sua história, transformando a minha. O meu ponto de vista sobre o trabalho também se altera, também ele está em constante transformação, tal como eu. Somos, eu e o trabalho, uma metamorfose permanente. É pela prática que verifico isso.

Penélope nasceu em dezembro de 2021. E com ela, renasci. E o projeto continuou a sua metamorfose permanente, agora com novas sensibilidades, ritmos, tempos.

Em abril, voltei a atrever-me no espaço de ensaios e, desta vez, Penélope estava comigo “do lado de cá”. O lugar de sensibilidade que procurei desde o início, apurou-se, procurei ir ainda mais profundamente ao essencial. Debatí-me com a ideia de manter o nascimento de Penélope demasiado presente no texto. Tudo me parecia demasiado evidente e não queria ser uma artista que é mãe e logo faz um trabalho sobre ser mãe. A verdade é que estando a criar a partir de mim própria num princípio de autoetnografia, não seria sincero, no contexto deste mestrado, escapar à maior evidência que era a do nascimento de Penélope. E percebi, sem complexos, que, tal como a primeira Penélope tivera sido em “Fio” o contexto e pretexto para a pesquisa, também em “Ainda não sou o que vim a ser”, a nova Penélope o foi. Pelo meio, esteve presente no corpo, ainda do lado de dentro.

Documento na Criação Artística – A poética pela fotografia

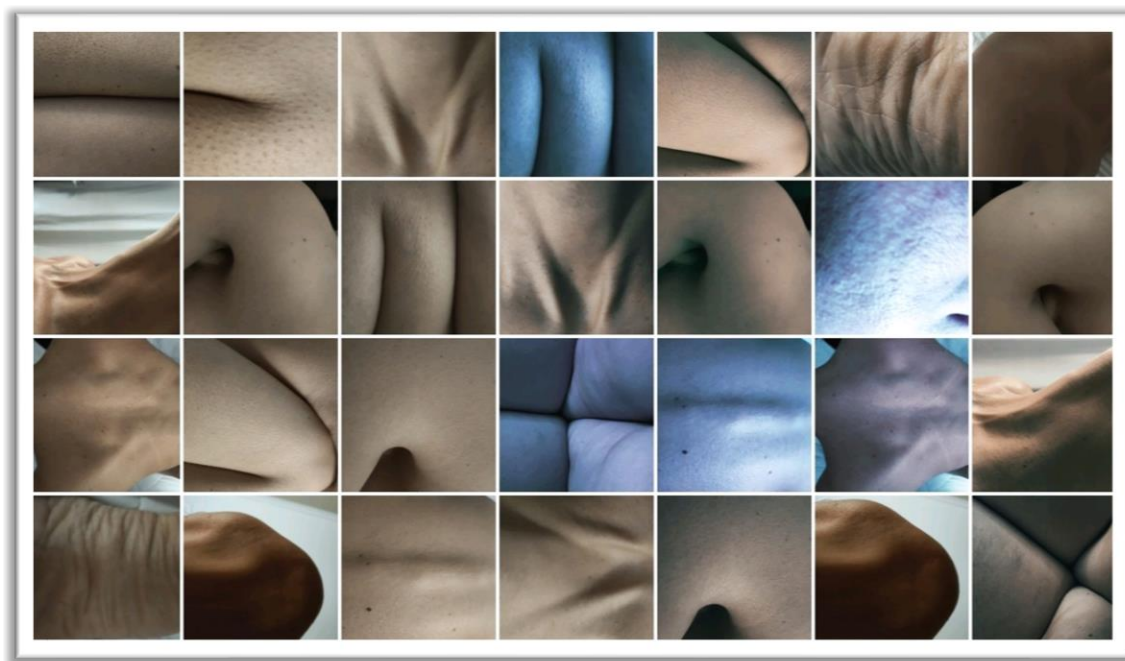


Figura 10- print de imagens- fragmento tiradas para Fio. Esta imagem foi transformada em postal e partilhada com o público, no Festival de Curtas de Artes Performativas de Angra do Heroísmo, nos Açores, em julho de 2021

Relaciono-me com as imagens que tirei. Observo-as e elas devolvem-me o olhar.

O impulso foi o da documentação. Foi querer “ver (...) antes das palavras” (Berger, p. 17, 1978). Quis ver, olhar, sem representar, apenas registar recortes, *frames*, pedaços de um corpo, como quem mostra, revelando ou revela, mostrando um segredo doce, devagarinho para não estragar.

Olhei, para poder ver, acreditando que “Só vemos aquilo para que olhamos.” (Berger, p. 18, 1978) E escolhi olhar e ver um lugar de estranheza e desconhecido proposto no registo fotográfico, no corpo, o registo do corpo, um olhar sobre o corpo. Fui tirando, ao longo dos meses, fotografias de mim, documentando o meu corpo, onde as imagens representavam simples fragmentos de lugares de mim que não seriam evidentes. Sem objetivo concreto, permitindo-me a liberdade do prazer real da descoberta dos segredos do mapa do corpo. Sem estar certa da sua utilidade, mas segura da sua necessidade.

O lugar da incerteza, senti, abria espaço a possibilidades que ainda não conseguia definir.

E o que começou por ser documento, foi-se contaminando pelo processo criativo da pesquisa, e começou a transformar-se em matéria para a criação.

Como Penélope, comecei, também eu, a tecer uma manta, com imagens... (figs. 10, 11 e 12)



Figura 11- Fio, julho de 2021, Terceira, Açores.



Figura 12- Fio, Julho de 2021, Terceira, Açores

Da imagem como conceito em “Fio”, ao vídeo e à fotografia como matéria criativa em “Ainda Não Sou o que Vim a Ser” – Pontos de Chegada

Já desde a construção do projeto “Fio”, o vídeo teve particular preponderância enquanto ferramenta para fazer “essa coisa” pouco natural de me ver do lado de fora, servindo para eu fazer o meu olhar exterior dos ensaios. Em “E Então acontece-me Isto...”, o vídeo continuou a ser os meus olhos do lado de lá. Contudo, com a normalização do ato de me ver em ensaio no formato de vídeo, com o filmar-me e a rever-me recorrentemente, comecei a imaginar uma câmara a filmar-me enquanto me via filmada. Quase como um fractal, em que a mesma imagem se repete de forma redimensionada num coeficiente exponencial. Guardei essa ideia e voltei a ela mais tarde, já nos ensaios de “Ainda não sou...”, no trabalho com as fotografias.

Aproveitei a ideia de me ver a ver, e pensar em transformar a ferramenta em conteúdo e matéria para criar, levando o vídeo enquanto documento de um processo ao limite. Comecei então a filmar tudo. Tudo que tinha a ver com o processo, e quando surgiu o impulso de ter uma fotografia e fui procurar uma fotografia minha com 5 anos nos álbuns, também me filmei. E é a partir do desenvolvimento desse momento de documentação que começou a surgir o vídeo de “E Então Acontece-me Isto”. Primeiro foi simples documento. Depois, relacionei-me com essa imagem documento procurando um lugar de encontro e comunhão. Esse lugar do sagrado, do íntimo, do belo, definiu-se como objetivo e procurei-o também no projeto final “Ainda não sou o que vim a ser”.

Estamos no segundo momento de pesquisa e partilha com o público cujo tema é Metamorfose. Há elementos que são transversais aos dois momentos de “Fio” e “E então Acontece-me Isto...” como o silêncio enquanto ponto de partida para o “ponto zero”, para a escuta e instalação do ritmo, os materiais plásticos que começam a ser fundamentais para iniciar o processo como as fotografias, e a película plástica. Sinto que a prática de criação começa a estabelecer-se. Para além de fazer várias experiências com materiais, sobre o corpo, visível ou não visível, com luz e com sombra, começo por experimentar o guião de ações a que chamei protocolo.

O “Protocolo”

Ainda no primeiro ano deste mestrado, surgiu a oportunidade na UC de Projeto Teatral, de entrar em contacto com o digital enquanto material de criação, pelas mãos do Daniel Pinheiro que tem

vindo a explorar este universo potenciador de arte e encontro no espaço digital. Numa das sessões de trabalho, tivemos como convidada Annie Abrahams, que tem sido parceira do Daniel no seu projeto *Distant Movements*⁷, a conversar connosco sobre o seu trabalho. Uma coisa que me sensibilizou enquanto investigadora foi ela afirmar que nas suas performances vai sempre a um sítio de desconforto e de não controlo da situação. É este lugar de desconforto e desequilíbrio que estou à procura enquanto artista e criadora. Para isso, Annie define, à partida, regras que possam permitir a espontaneidade e a possibilidade de “estar no momento” em escuta e presença. A essas regras chamou-lhe Protocolo e, adotei esse nome também para o meu processo por me agradar o carácter concreto da definição de protocolo como “conjunto de regras que torna possível a execução de um programa de modo eficiente e sem erros” (Dicionário Porto Editora, 2006), ideia que, aplicada ao meu processo criativo, se pode traduzir enquanto guião de execução de uma sequência de ações que lhe está implícito. Este ato de constrangimento provocado pelas ações predefinidas abre espaço para um lugar de desconforto ou desequilíbrio que, creio, ser a zona onde se gera a criação artística. Levar o desequilíbrio diretamente para o momento da performance seduziu-me como ideia que quis experimentar na prática.

Como operacionalizar o protocolo?

O protocolo define-se por um conjunto de ações que se ativam em função da prática. À semelhança de um *canovaccio* (guião)⁸ de *commedia dell'arte*, em que as indicações apontam apenas uma direção, abrindo o espaço para que algo sempre surpreenda.

Assim, eu construí um guião de ações que se traduziam em estares e sentires e que, sendo sempre o mesmo durante as performances, variavam em função do momento, como será descrito a seguir.

⁷ . Started in 2018, *Distant Movements* is a research and performance project on the possibility to experience dance in front of a screen with the eyes closed. Also in 2018 Annie Abrahams performed for the first time using VR. In the same year with Alix Desaubliaux and Pascale Barret she formed the *3G(enerations)* group – experimenting with online conversation through performative challenges in the project *Constallations. Utterings*, started in 2020, is an online performance group experimenting with utterings as communication that is already at its 9th iteration.

⁸ O *canovaccio* continha, em linhas gerais, o tema, a descrição das situações e as personagens intervenientes em cada cena. A partir desses elementos, desenvolvia-se a improvisação dos atores, com lazzi (gags) mais ou menos ensaiadas.

O protocolo como ferramenta de ativação da performance

Em “Fio”, experimentei um protocolo para ativar ensaios, para me experimentar na relação com os materiais mas, nesta etapa de criação, o protocolo foi, sobretudo, um elemento que surgiu mais tarde no processo de ensaio, quando já tudo dava sinais de caminhar para um objeto pronto e definido. Foi a ativação do protocolo que permitiu a concretização da performance.

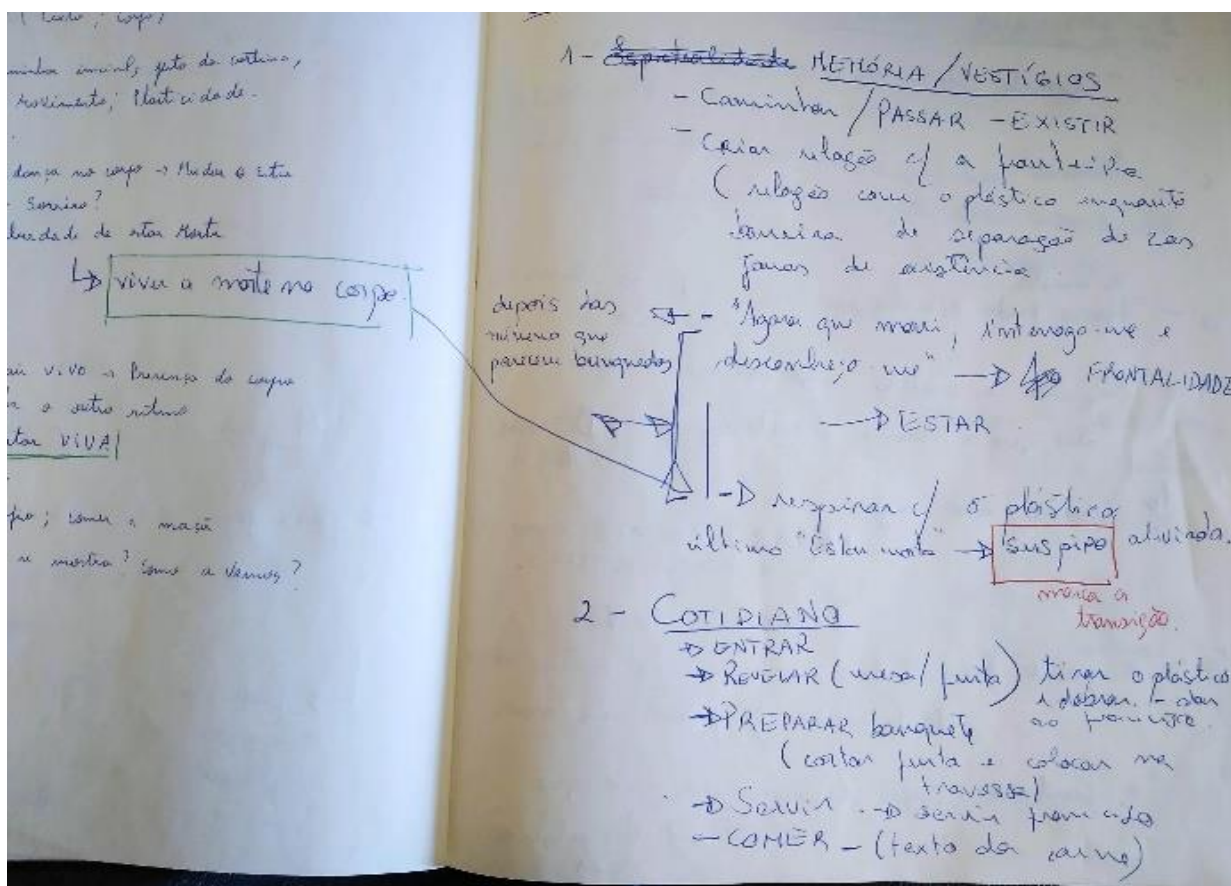


Figura 13- Diários de Criação. Criação de um guião para Fio

Assim, o protocolo não foi o ponto de partida, foi-se definindo ao longo do processo.

Escolhi Verbos que despertam um estado de presença.

A escolha pautou-se por me querer relacionar com o espaço, com os outros – os que veem, com o dispositivo cénico.

Exemplo, no “Fio” eu relacionava-me com a sombra, a ação era caminhar em direção à sombra e o protocolo determinava a forma como caminhava. As ações determinadas no protocolo alimentaram um Subtexto para preencher o gesto.

Protocolo para performance "Fio":

- Caminhar – atravessar o espaço. Existir.
- Relacionar-me com a fronteira (física neste caso, definida por uma película plástica que determinava o dentro e o fora, eles e eu)
- Estar.
- Viver a morte no corpo
- Entrar
- Revelar (mesa com frutas)
- Servir
- Comer
- Procurar a Voz de Penélope
- Na voz, descobrir Penélope nas fotos
- Construir Penélope
- Olhar. Ver.
- Partilhar com o público retalhos da manta que é Penélope.

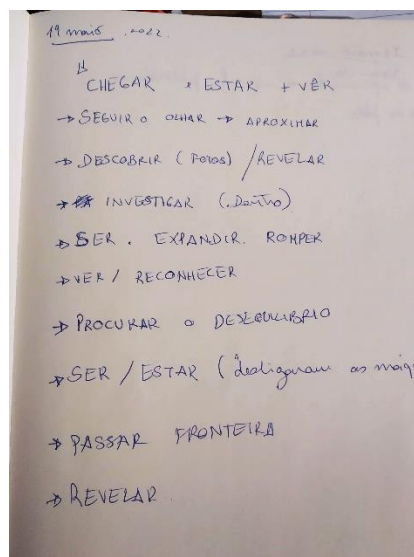


Figura 14- Protocolo Ainda não Sou o que Vim a Ser..., maio e junho 2022

O que me parece agora demasiado grande e, atrevo-me a dizer, obsoleto, serviu como etapa essencial neste percurso de pesquisa no mestrado.

Em "Ainda não sou o Que Vim a Ser...", projeto final deste mestrado, quando o público entrava no espaço do Lugar, eu estava sentada atrás da régie. Estava sempre sentada e via sempre as pessoas a entrar. Contudo, a minha ação definida em protocolo para esse momento era ESTAR e OUVIR. Talvez por serem esses os meus pontos de concentração, não tenho muita memória de ver as pessoas a entrar, mas recordo algumas conversas rápidas de quem entra num espaço novo e escuro, com ou sem vontade de ir à casa de banho, que procura uma cadeira no escuro. Escutei o silêncio que me dizia quando era o momento de avançar. Outra ação, já a meio da performance, quando estava dentro do dispositivo, era OLHAR e VER. Ver mesmo. Todos os dias via coisas diferentes: imagem, cor, pessoas. O estar de alerta a que me obriga a execução do protocolo provoca um estar de presença mais nítido e uma consistência na ação, porque cada ação é

carregada com um sentido, e esse sentido depende do momento presente. Assim, a escuta é o fator primordial para que a presença aconteça através deste protocolo. Estar Aqui é estar em Escuta.

Protocolo como processo

Em “Ainda Não Sou...” e “Fio”, o protocolo aconteceu como consequência de um processo e foi experimentado em performance. Explorando outras possibilidades, no segundo momento deste ano de pesquisa, o protocolo surgiu à partida enquanto caminho para a criação e foi acompanhando a evolução do dispositivo cénico à medida que este também se alterava. Desde o início, defini alguns verbos que queria explorar em cena como ESTAR, ESTAR AINDA, NASCER, TRANSFORMAR e, dando resposta ao desafio de fazer uma criação sob o tema de metamorfose, comecei a pensar os verbos.

O protocolo foi aqui ponto de partida para ativar um espaço vazio e posteriormente um espaço com um dispositivo cénico fazendo articulação com o texto que foi criado para esse momento. Sempre em exploração associada à minha prática de *devising*, o protocolo foi sofrendo uma depuração, ficando simplificado, claro e eficaz no momento da performance. Pude observar que, sendo as minhas ações poucas e subtis, foi a ativação do protocolo que permitiu encontrar um estar de densidade e consistência à performance. A depuração, simplificação do protocolo, permitiu uma aproximação ao fundamental que continuei a desenvolver em “Ainda Não Sou o que Vim a Ser” (fig. 13).

O protocolo cria e determina variáveis para que algo aconteça, obrigando a um estado de alerta permanente, um “estar de quem procura sempre algo” tanto em palco como na prática de pesquisa. É o definir claro de regras que abre espaço para a improvisação livre dentro de uma direção predefinida por mim. O protocolo encerra em si a possibilidade de mergulhar num tema, assunto ou estética, focando em coordenadas específicas determinadas à partida. É esse condicionamento no pré trabalho que permite a improvisação livre.



Figura 15 – E então Acontece-me Isto. setembro 2021.

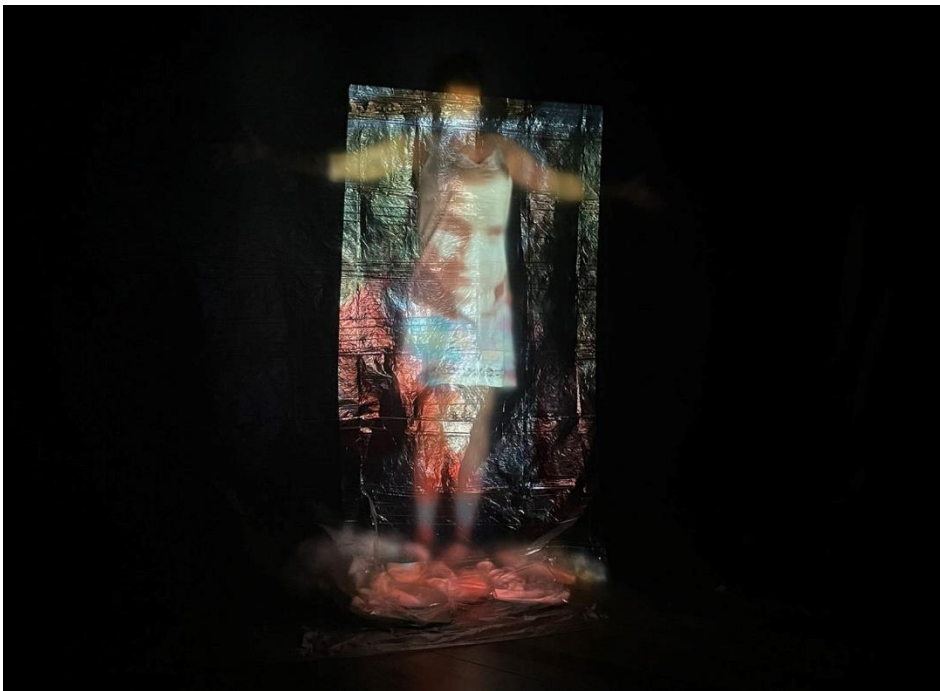


Figura 16- E então acontece-me isto. setembro 2021.

CAPÍTULO QUATRO – HORIZONTE

Processo para o Projeto final “Ainda Não Sou o que Vim a Ser...”

Oiço abundantes ruídos novos. Saem através de máquinas, e são meus. Sou eu, por dentro. De um lado que nunca ouvi, mas que me chega agora, de fora. Sons caóticos e nada ritmados, ruídos espessos que traduzem maremotos e inundações. Eu sou líquida. (...)

Eu sou uma bomba líquida, uma barragem com um dique mal construído, eu posso inundar o mundo a qualquer instante. (...)

Observo o meu corpo em movimentos que não controlo, o meu corpo disforme e agigantado. Eu sou uma iminência de catástrofe, mas estou em estado de prontidão, eu estou pronta. Não fazendo ideia do que estou a fazer.

(...)

Especialistas em entranhas entranham-se no meu interior, como que preparados para enfrentar o dilúvio e é então que te encontro. Penélope. Penélope um nome, uma espera. Penélope é o nome que conhece o tempo por dentro e por fora, que o observa na espera.

És Penélope. Falo contigo a partir de um sítio novo, de um corpo novo.

(...)

O meu corpo esvaziado pende como um balão vazio. É o sintoma, é só o sintoma. Eu, de certeza feita, conhecedora de cada curva da minha grande barragem interior, estou perdida num terreno novo. Vejo que o tempo que me atravessa me cravou de esquecimentos de mim. Na imagem do corpo que me pertencia não há agora paisagens que reconheça. Estou perdida dentro de mim.

Mal distingo dias e noites e os meus ouvidos enchem-se de ruído branco, interrompido por sons que me impelem a fazer coisas que são necessárias. Entro em modo automático, como quem responde à pergunta: “nome?” (Excerto de “Ainda Não Sou o Que Vim a Ser”, Inês Barahona)

Comecei esta etapa vinda de quatro meses de revolução pessoal, depois de um parto, onde a percepção do tempo, do eu, do espaço se transformou.

O recomeço é lento. Mas acredito. Pelo caminho vou escrevendo pensamentos e reflexões, para o futuro? Para o agora? A escrita em cérebro aberto, serve de certa forma o propósito a que me proponho no “aqui” da sala de ensaio. Volto a entrar em comunhão com o prazer de procurar e descobrir e perguntar sem responder.

O confronto com o espaço de ensaio é intimidante, o nervoso do recomeço, como quem caminha sobre caminhos novos. Procuro não me deixar intimidar e bloquear pelo vazio que se irá encher. Relembro as palavras de Bob Wilson, que funcionam quase como um mantra “no teatro, muitas vezes pensam que precisam começar alguma coisa, mas não é preciso. Basta escutar.” (2020). Escuto.

Estou no centro da sala e escuto. Escuto a minha respiração, escuto os meus pensamentos, escuto os pensamentos a abandonarem-me, escuto o meu corpo e o espaço que ocupa. Escuto o silêncio. Escuto o espaço vazio. Fico quase duas horas a escutar. Esvazio-me. Procuro o “ponto zero” para início do trabalho.

Este ritual da escuta começa a assumir um papel determinante na minha prática, quase como uma meditação. Criando um espaço vazio interior posso, aos poucos, permitir que as ideias o preencham. Neste momento é fundamental permitir às ideias que façam o seu próprio percurso, não as impondo a mim, não as fabricando. As ideias deverão revelar-se por elas mesmas, de forma espontânea. É neste lugar de vazio que os elementos da criação surgem às vezes de forma ténue, outras como uma evidência como foi o caso da fotografia, que surgiu de forma clara no meu pensamento enquanto estava nesse estado de concentração. E disponho as fotografias no espaço físico dando assim resposta ao impulso que surgiu a partir do espaço mental vazio.

O início do processo acontece então, com a procura da neutralidade absoluta, física, mental e sonora a que chamei “ponto zero”. Pelo caminho, na procura, encontro-me.

De volta ao concreto, releio os meus cadernos de trabalho/diários de criação como quem vê um álbum de fotografias antigas. Vejo um álbum de fotografias antigas também.

Escuto as fotos, escuto os cadernos.

Há uma recapitulação de vontades e de materiais que já foram encontrados nos momentos de pesquisa anteriores. Respiro. Escuto-me a respirar e percebo que é este o tempo, é este o ritmo. "O Tempo nasceu da nossa pulsação, da rítmica da nossa pulsação, da música (...)" (Molder, 2020).



Figura 17- Fragmento



Figura 18- Fragmento



Figura 19 - Fragmento

Tenho em mãos as fotografias-fragmento (figs. 17, 18 e 19) que ficaram. Disponho as fotografias no espaço, primeiro de forma aleatória, depois de forma mais estruturada, como uma manta de retalhos. “As noções de memória, montagem e dialética estão aí para indicar que as imagens não são nem imediatas, nem fáceis de entender. Por outro lado, nem sequer estão “no presente”, como se crê de forma espontânea.” (Didi-Huberman, p. 213, 2018). Procurei pôr em evidência esse confronto entre o corpo presente e a imagem do corpo que já não está no presente, sendo um registo do corpo passado, e perceber que possibilidades poderia criar, como se esses dois tempos se contaminassem, ou antes, como se esses dois presentes a dois tempos, de alguma forma, se tocassem.



Figura 20 – umbigo sobre umbigo



Figura 21 – curva e contracurva junto de um molho de imagens



Figura 22 – queixo sobre rosto sobre chão de madeira

As imagens das fig. 20, 21 e 22 mostram a forma que encontrei para organizar tempo dentro de um espaço, uma moldura. A partir do momento em que a fotografia foi tirada, o tempo já é outro e,

dessa forma, através do preenchimento com imagem de um espaço, os tempos cruzam-se e encontram-se.

Trago no bolso as fotografias de quem fui ao longo deste ano. São fragmentos. Trago no bolso os fragmentos do que fui, do que fiz ao longo do ano. Sobram-me imagens que utilizei no FIO, e as palavras. Trago materiais do nOve. Mas primeiro as fotografias.

Espalho-as no espaço e reorganizo-as até sentir que o espaço ganha de alguma forma sentido. Não é evidente. Olho-as. Vejo-as. Paro. O que vejo eu afinal? O que estou realmente a ver quando olho essas fotografias?

“A natureza recíproca da visão é mais fundamental do que a da palavra no diálogo.” (Berger, p.19, 2018) São, afinal, elas que me olham. São esses fragmentos que me tentam descodificar. E sinto-me olhada. Cada fotografia que escolho ver, olhar e pôr no espaço, olha-me sem pudor, de volta. Estabelecemos um diálogo invisível, ou melhor, estabelecemos um diálogo palpável, quase visível. Visível? Estabelecemos um diálogo. Estou na zona do sentir, sinto. Pergunto-me se é isto o sagrado. O invisível é, seguramente. Este vislumbre de invisível leva-me a lembrar Peter Brook em “O diabo é o aborrecimento”, onde afirma que

O sagrado é uma transformação, em termos de qualidade, do que não é sagrado. O teatro passa pelas relações entre homens que, obrigatoriamente já que pertencem ao mundo dos homens, não são sagrados. O invisível aparece através do visível que é a vida dos homens. (Brook, p. 63, 1993).

E das mulheres, acrescento.

A que fui, a que sou, a que vim a ser

Aquela que eu fui nas fotografias, já não sou. Aquela já não existe sequer. Vou à procura de quem sou usando então o mesmo método usado na construção de “Fio”, a fotografia como registo de um corpo, como quem olha ao microscópio.

São novas fotografias do corpo de sempre. Alterou-se o olhar. Alterou-se o corpo. Chegou um outro corpo, sempre colado ao meu, que me drena, me sorve e me alimenta. Redescubro-me através da lente de uma fotografia e encontro novos caminhos, uma cicatriz, uma pele mole, um

corpo cheio de água, um corpo fonte. Observo que estou mais eficaz na prática porque “não tenho tempo a perder”. Fotografo documentando a transformação, imprimo as imagens e parto eu mais as fotografias impressas para o espaço de criação.

Como em “Fio”, as fotos-fragmento serviram o caminho e foram ponto de partida para a criação. Ao mesmo tempo, a necessidade de ouvir em voz *off* os meus pensamentos leva-me a gravar palavras escritas.

Trago-me no ouvido. Ouço em repetição palavras ditas que gravei na fase anterior do processo que, de algum modo, me direcionam. O meu eu de antes está a dar indicações ao meu eu de agora, penso. São pensamentos e reflexões que me sustentam enquanto ativo a relação entre corpo e imagem. As duas, eu e a outra de mim, cruzamo-nos aqui, neste lugar de procura, através da escuta.

Estou “em estado de prontidão”. Vejo, sinto e agora, escuto. Todos os sentidos em conjunto, organizados para um só momento.

Ouço em silêncio e vejo de olhos fechados. Reconvoco o corpo para um lugar sagrado, é sempre este o ponto de partida, “ponto zero”, e a partir desse espaço vazio, mas inteiro, procuro uma relação com as imagens que pode ser física, emotiva, sonora. E registo. Que impulsos tive perante uma foto-fragmento de uma parte de mim agora, e de antes. Toda eu sou como uma pequena medusa com filamentos elétricos, ondulantes, que se ativam no seu contacto com outro corpo, com outros materiais físicos e sonoros.

É urgente a escuta. Escrevo para vir a gravar depois. Falo em voz alta e registo esses pensamentos em discurso livre.

O diálogo gerado entre o meu corpo e as imagens do meu corpo, quando se começa a estabelecer uma relação, abriu uma nova possibilidade de pesquisa para mim.

Descubro que a metamorfose não para quando relaciono imagens do meu corpo com o meu próprio corpo, colocando, por exemplo, a foto do umbigo por cima do umbigo (fig. 16). A imagem da coisa nunca é a coisa e a relação entre as duas gera ainda uma terceira que só acontece quando é observada por um terceiro elemento, da mesma forma que “um espetáculo ocorre apenas quando está a acontecer” (Fischer-Lichte, p.74, 2005). E aqui descubro uma vontade ainda maior de continuar a procurar explorar este fenómeno de, como metamorfosear algo com o

cruzamento/diálogo entre a “coisa” e uma imagem “da coisa” noutra relação de espaço e tempo.



Figura 23– foto-fragmento sobre o corpo. maio 2021.

Intimidade e Público

A cada passo surgiam novas perguntas que se desenvolviam em respostas práticas. “O que quero comunicar?”, “como construir estruturas vivas?”, “como simplificar ao máximo?”. Sabia que me queria relacionar com o espaço, um dispositivo cénico e que, através da nossa existência partilhada, esse dispositivo se ativaria para fazer revelar algo. Foi atrás desse algo, invisível, que fui.

Queria criar um “estar”, e propor uma experiência de proximidade como se sussurrasse ao ouvido um segredo ou uma coisa preciosa. Ao mesmo tempo, tenho na voz *off* um suporte obrigatório, como se a separação da voz e do corpo permitisse uma maior capacidade de escuta e de observação. Ou, por outro lado, o destacar da minha voz do meu corpo, abrisse a possibilidade de ouvir sem ver bem ou ver sem ouvir bem, ou ambos ou nenhum.

É claro para mim que quero propor um estar, e uma alteração de sentir, em quem vê. Quero revelar uma viagem pessoal, propondo, a quem partilha o espaço comigo, que faça a sua própria viagem

interior. Tenho uma grande vontade de interioridade e de convidar a quem assiste, a partilhar comigo essa interioridade, intimidade, esse “mergulhar dentro” quase placentário, e procurar o “invisível” definido por Peter Brook. Em “o Diabo é o Aborrecimento”, Peter Brook, discorre sobre o elemento invisível que pode transformar um ato comum em algo sagrado e que é invisível, contudo, em espetáculo é absolutamente palpável quando se atinge um estar do sagrado e comunicação entre atores e público. “A procura do sagrado é, portanto, uma atitude, uma pesquisa” (Brook, 1993, pp. 62, 63). Tomo nota, é por aí que quero ir. O dispositivo cénico e a luz deverão convidar a esse mergulho num trabalho de luz, sombra e translucidez com o qual me devo relacionar procurando um “ritmo partilhado” (Brook, 1993) entre mim e quem me vê.

Convoco as imagens, as minhas, da minha infância, desprovendo-as do seu valor de documento de uma época. Se quero propor algo a um outro interlocutor, tenho eu própria que passar por uma alteração de estar, criar as circunstâncias para que a transformação, seja ela qual for, aconteça. “O sagrado é uma transformação, em termos de qualidade, do que, de início não é sagrado.” (Brook, 1993, p. 63). Revisito Bob Wilson, os seus ritmos, o seu caminhar, a percepção de espaço e tempo que se dá na razão do espaço ficcionado atravessado pelo tempo real, e integro-a. “(...) eu dou tempo e espaço para poderem pensar (...)” (Wilson, 2020). E caminho, com um corpo formal, metódico, ouvindo o ritmo interno e mergulho, enfim, no AQUI.

A Fotografia como olhar, criação e testemunha – paratextos em construção e diálogo

A fotografia convida à contemplação. Posso ficar a olhar uma imagem, uma foto por segundos como por horas e cada vez que volto a ela descubro coisas novas. Não apenas nas imagens por si, mas na forma como me relaciono com elas e no que essa relação desperta em mim. As fotografias da nossa própria história têm a capacidade ainda de, para lá de nos fazer viajar, reconvocar pessoas, afetos, eventos nossos, pessoais, eventos que nos escreveram. Aquelas fotografias escreveram-me. E escrevem ainda. Olho o meu corpo e verifico que é um arquivo de histórias e eventos. Cada uma daquelas fotos faz parte do meu corpo, como um mural ou uma colagem, são retalhos do que sou. Procuo no meu corpo a menina das fotografias do vídeo. Levo essa procura para a prática onde experimento imprimir as fotografias no corpo como que se lhe devolvesse a memória que elas encerram. O meu corpo ainda tem a memória daquele evento e procuro relacionar-me com ele através da foto. O meu corpo sofreu uma transformação, também ela documentada nas fotografias. Nas do vídeo e nas foto-fragmento que mostro em cena. Procuo

ecos desses registos no corpo. Jogo com “as noções de memória, montagem e dialética” (Didi-Huberman, 2012) que a escrita e o diálogo entre corpo e imagem pode gerar. Em cada performance, a procura de registos no corpo é real e sempre presente.

Encontro um caminho para continuar a escrever, desenhar história e sentido a partir delas e através delas, na sua ligação com o real. O ato de as olhar e ver torna-se assim protagonista. A forma como vejo as minhas memórias, ou as reconstruo conta, em si mesmo, uma história.

O Vídeo – Tempo em movimento

A relação com o vídeo foi iniciada no segundo momento de pesquisa, que resultou no espetáculo “E então acontece-me isto...”. O mote dado pelo texto que iniciava com a frase “tenho nas mãos a fotografia de quem fui aos cinco anos. Desde quando somos sempre nós? Não se nasce com a nossa pessoa toda dentro do nome, pois não?”, fez-me querer ter “na mão” essa imagem de quem fui, querer tocar “o traço visual do tempo”, e assim, folhear o álbum de infância e vê-lo com outro olhar. O olhar criador. O meu álbum já não é apenas um álbum de fotografias de criança, este álbum é agora objeto de pesquisa. A forma como olho, toco, volto a olhar, atribuí-lhe novos sentidos que vão além do registo familiar. Este álbum é agora documento.

Revisito-me em pequena, como quem espreita um futuro, sabendo que não o é, sendo. E o revisitar desses momentos é vivo, nunca estático, nunca estagnado. Sempre no impulso de documento, filmo-me a olhar o álbum, a ver o álbum, e o tempo é o de quem vendo, olhando, recorda. Aproximo-me dessa que fui para ir ao encontro desta que sou agora. “Olhar é um acto de escolha” (Berger, 2018). Não é então um vídeo para mostrar, mas para convidar à partilha de um momento íntimo de quem se revisita (revê), permitindo outras viagens a quem, escolhendo, vê e me acompanha ou recorda, ativando a sua memória e imaginação. Este espreitar indiscreto de um álbum de infância, serve assim para convocar também as memórias e universos comuns que temos, permitindo que tanto performer como espectadores, vivam uma experiência comum, partilhada.

O espaço é atravessado pelo tempo através das imagens. As imagens de mim, atravessam o espaço, atravessam-me, projetam-se em mim e encontramos-nos. “a própria imagem é um conjunto de relações de tempo de que o presente só deriva...” (Huberman, p. 213, 2012). Eu e ela. A

que sou, a que fui, a que ainda não sou, mas que vim a ser.

Estamos todos juntos, confortáveis e a viver um momento em conjunto. O conforto do público é essencial. O espetador pode escolher só ouvir, só ver, ver e ouvir ou, nenhuma das anteriores.

Em “E então acontece-me isto...” estavam sentados em sofás, em “Ainda Não sou...” estavam em poufs e cadeiras. O bem-estar (ou mal-estar) físico de quem assiste, acredito condiciona a predisposição para mergulhar no espetáculo. O que procurei foi uma zona de intimidade e interioridade, é aqui que “o invisível pode surgir (...)”. Esta procura pelo sagrado, pelo “invisível”, tornou claro que o ambiente intimista e o conforto seriam uma prioridade. Se em “Fio”, que foi apresentado ao ar livre, se encontrou um pouco desse ambiente de partilha sem o mergulho interior que entretanto se revelou essencial, em “Ainda não Sou o Que Vim a Ser” foi clara a ideia, ou recém-adquirida consciência de criar um lugar de intimidade, um espaço, não só metafórico, mas concreto e físico, um espaço de recolhimento, reflexão e conforto, quase placentário, um espaço que fosse só nosso, meu e do público, por uns minutos, confortável e que permitisse a reflexão. É a partir desse espaço que a partilha acontece, estamos todos a viver um momento em conjunto mais do que uma vivência de ator/ espetador, apesar de, concretamente, ser eu quem propõe o acontecimento. Contudo, o público não deve ser passivo na receção deste momento que, de outra forma não funciona. Este momento de comunhão só se permite quando o público toma um lugar ativo na experiência, vivendo-a realmente e dando-lhe sentidos e significados que transcendem a proposta inicial. “Uma performance ocorre na – e através da – co-presença física dos actores e espectadores. (...) Uma performance surge desse encontro – a partir da sua interação.” (Fischer-Lichte, p. 74, 2005)



Figura 24 –ensaio Ainda não sou..., maio 2021. Foto ensaio Paulo Pimenta

O encontro é AQUI.

O estar, do AQUI, surge sempre a partir do silêncio, "se ouvirmos o silêncio nunca o vamos interromper, a palavra vem na continuação do silêncio" (Wilson, 2020). Então, já somos eu, a outra e o silêncio, aqui. São muitos elementos para o que se procura, penso. Então respiro, ouço, observo. Estou aqui, para ser. O verbo é estar.

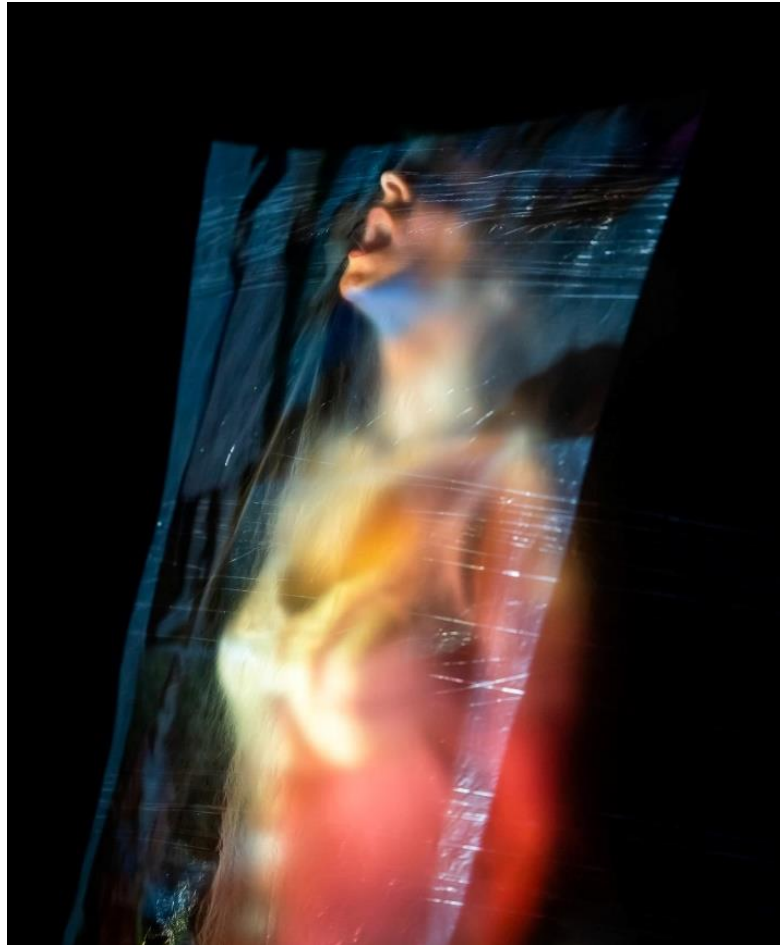


Figura 25 – "E então acontece-me Isto", Projeto nOve. Set 2021

REFLEXÕES

“Resta-nos, finalmente, o princípio da simplicidade por meio do qual nos guiamos na escolha das construções.” (Margenau, p. 63, 1948)

Perguntei-me sobre o tempo, perguntei-me sobre o espaço.

Perguntei-me como tornar possível encontrar um lugar interior comum entre mim e o outro, um lugar sagrado.

Perguntei-me também sobre Penélope, a sua identidade e, sobre a sua versão da história, a que nos poderia contar hoje. E caminhei.

O primeiro ato de desafio do meu corpo perante o espaço foi o caminhar. O ar, o “espaço” transforma-se na sua densidade, na sua textura, no sabor, no tempo, na composição. Percebo que também eu sou espaço nesse sentido em que um existe porque o outro existe.

Volto à pergunta, o que é o AQUI? Pergunto-me se o Aqui me define a mim. Pergunto-me sempre em movimento, permitindo ao corpo penetrar no espaço vazio. Estar só. A procura do estar só não é tão evidente quanto poderia pensar à partida. Há sempre alguém, há sempre alguma coisa, pelo que ficar só, se tornou num ato efetivo, como um primeiro passo para poder começar, antes mesmo de entrar no espaço.

Esvaziar o pensamento de tudo. Tudo. Até de ti, Penélope.

Permitir entrar no espaço, estar.

Ativar alguns verbos como estar, ver, ouvir. Estar ainda. E descobrir outros verbos. Permito que a experiência falhe, que a experiência revele caminhos. Os vetores são sempre o espaço, o tempo e agora o corpo no lugar criando espaço, sugerindo tempo.

Desbravando sobre este lugar do aqui, confronto-me com uma possibilidade de lugar do Averso, ou seja, um outro lado, interior, que reside na zona da sombra, uma espécie de interioridade, que se torna pública quando revelada e partilhada. O avesso fica exposto, lado a lado com o direito,

quando se dá o encontro entre mim e o público. E só aí, só pela presença síncrona no mesmo espaço é que o avesso é partilhado num lugar do “sagrado e invisível”.

Escrevi-me. Mas não me respondi.

Com alguma sedução, a escrita começou a desenvolver-se. As cartas começaram a trocar-se, as partilhas eram intensas e de uma interioridade que nos permitimos com estranhos. Começámos a escrever e a descobrir uma língua nossa.

O evento. Esse evento que abanou e alimentou este caminho. Penélope, mais do que um nome, mais do que uma espera, Penélope concretizou-se de uma forma que nunca poderia prever quando tudo começou.

Vou descobrindo formas de me relacionar com o dispositivo que podem ou não propor estares de interação.

Filmo.

Vejo.

Reconstruo.

O espaço define-se pela minha intervenção nele.

Tenho desejos para caminhadas futuras. Descobrir novos lugares. Encontrar outras Paisagens. Fazer outras perguntas.

Cruzo olhares sobre uma parte do corpo atravessados pelo tempo.

Estar do Outro lado.

São fotos de fotos e a sua sobreposição sobre mim.

Estar em estado de prontidão.

Nota para mim: quero continuar a explorar isto.

Bibliografia e Outras Referências

- Arlander, Annette (2016). *Artistic Research does #1*. Porto: Caleidotrópico.
- Atwood, Margaret (2018). *A Odisseia de Penélope*. [Trad. Paula Reis] Amadora: Elsinore.
- Auslander, Philip (2013). A Performatividade da Documentação de Performance. *eRevista Performatus*, ano 2, n. 7, nov.
- Berger, John (2018). *Modos de Ver*. (Trad. Jorge Leandro Rosa). Lisboa: Antígona.
- Bogart, Anne (2001). *A Director Prepares, Seven Essays on Art and Theatre*. London and New York: Routledge.
- Brayshaw, T., Fenemore, A. & Witts, N. (eds) (2019) *The 21st Century Performance Reader*. London and New York: Routledge.
- Brayshaw, T. & Witts, N. (eds) (2013) *The 20th Century Performance Reader (3rd ed.)*. London and New York: Routledge.
- Brook, Peter (1993). *O Diabo é o Aborrecimento – Conversas sobre Teatro*. [trad. Carlos Porto]. Porto: Edições ASA.
- Brook, Peter (2008). *A Porta Aberta, Reflexões sobre a Interpretação e o Teatro*. [trad. Antonio Mercado]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Careri, Francesco (2013). *Walkscapes, o caminhar como prática estética*. São Paulo: G. Gili.
- Crossley, Tracey & Woods, Niki (?). *Digital Theatre*.
- Dicionário da Língua Portuguesa* (2006). Porto: Porto Editora.
- Didi-Huberman, G. (2012). Quando as imagens tocam o real. *PÓS: Revista Do Programa De Pós-graduação Em Artes Da EBA/UFMG*, 206–219.
- Fernández-Savater, Amador (2019). Dar a ver, dar que pensar: contra o domínio do automático. *Revista Punkto*.
- Fischer-Lichte, Erika (2005). A cultura como performance. *Sinais de Cena*, pp. 73 80.
- Fischer-Lichte, Erika (2019). *Estética do Performativo*. Lisboa: Orfeu Negro.
- Goldeberg, Rose Lee (2012). *A arte da performance, do futurismo ao presente*. [trad. Jefferson Luiz Camargo e Rui Lopes]. Lisboa: Orfeu Negro.
- Handke, Peter (2002). *Poema à duração* [trad. José A. Palma Caetano]. Lisboa: Assírio&Alvim.

- Homero (2018). *Odisseia*. (Trad. Frederico Lourenço). Lisboa: Quetzal.
- Ingold, Tim (2012). Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, 18 (37), 25–44. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832012000100002>
- Icle, G. (2022). Estudos da Presença: prolegômenos para a pesquisa das práticas performativas. *Revista Brasileira De Estudos Da Presença*, 1(1), 09–27.
- Jones, Amelia (2013). 'Presença' 'In Absentia': A Experiência da Performance como Documentação. *eRevista Performatus*, ano 1, n. 6, set.
- Lyotard, J.-F.; Sueyoshi, H. I., & Toledo, T. P. (2011). O dente, a palma. *Sala Preta*, 11(1), 139–146. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v11i1p139-146>
- Margenau, Henry (1949). *Os Elementos Metafísicos da Física- Biblioteca Filosófica* (Trad. Rodrigues Martins). Coimbra: Atlântida, Livraria Editora.
- Oddey, Alison (1994). *Devising Theatre – A Practical and Theoretical Handbook*. London and New York: Routledge – Taylor & Francis Group
- Oliveira, Cláudia Marisa (2020). *Atos de Intimidade Cartografia para uma prática artística*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras.
- Pais, Ana (Org.). (2017). *Performance na esfera Pública: ensaios e práticas de artistas*. Lisboa: Orfeu Negro.
- Pavis, Patrice (2004). De onde vem e para onde vai a encenação. *Sinais de Cena*, pp 59 68.
- Pinheiro, Daniel, & Parra, Lisa (2015). Performance como Processo: Práticas de 'Embodiment' à Distância. *eRevista Performatus*, ano 3, n. 14, jan.
- Prada, Juan Martín (2015). *Prácticas Artísticas e Internet en la Época de las Redes Sociales*. Madrid: Ediciones Akal.
- Rancière, Jacques (2010). *O Espectador Emancipado*. [trad. José Miranda Justo]. Lisboa: Orfeu Negro.

Webgrafia

Annie Abrahams - <https://bram.org/info/aa.htm>

A insustentável leveza do habitar - #5 - Maria Filomena Molder:

<https://open.spotify.com/episode/OSoHHqvZAGhWtMOKtVYFqw?si=1442b4bfdabb440f>

Vídeo

Robert Wilson Interview // Richard Strange's A Mighty Big If

<https://www.youtube.com/watch?v=iLTeoylPlhE&t=1956s>

BRAFA Art Talk 2020: in conversation with Robert Wilson

<https://www.youtube.com/watch?v=rAl-AqhEd2U&t=472s>

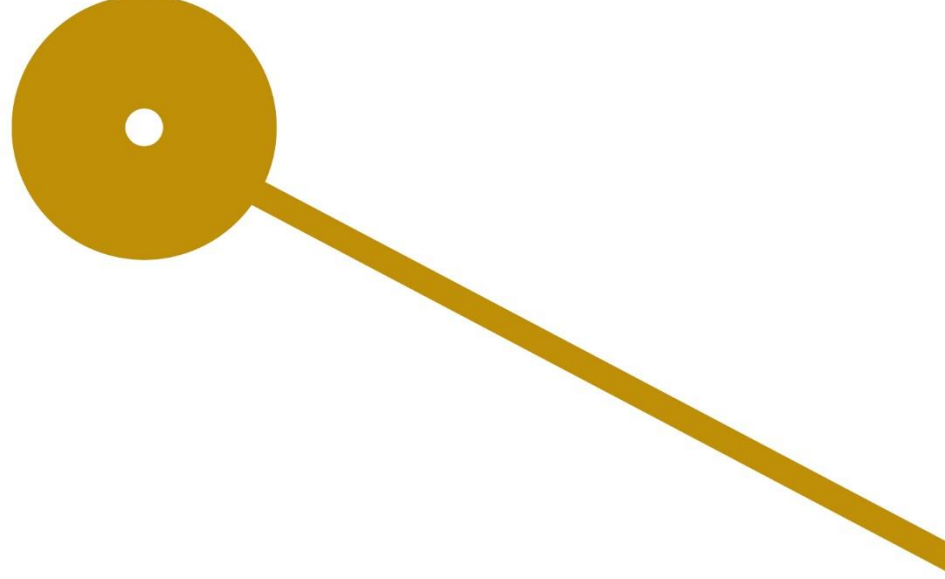
ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

M

MESTRADO
ARTES CÉNICAS

INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA



De Penélope até Penélope – uma Odisseia em três atos
Ana Azevedo Vargas e Pires